

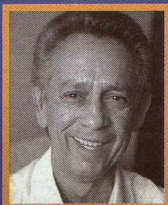
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

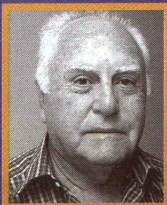


A falta de infra-estrutura e as dificuldades com a solidão e a distância, muitas vezes, eram superadas pela liberdade e solidariedade que existiam na cidade em construção. Opção de muitos brasileiros que acreditaram em uma vida melhor no Planalto Central, a nova capital acabou por conquistar o coração daqueles que aqui chegaram para construí-la e consolidá-la. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, as lembranças de quem mora aqui desde aquele tempo são contadas semanalmente.

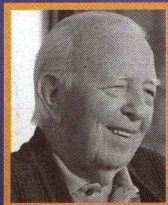
Antônio
Dias Neto



Hamilton
Pereira



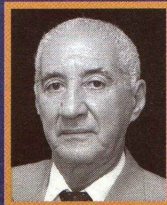
Ítalo
Nardelli



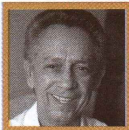
Ivone de
Carvalho



Jair Augusto
de Oliveira



PIONEIROS



Antônio Dias Neto

Uma história de desenvolvimento profissional

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A mudança do pioneiro Antônio Dias Neto para Brasília se assemelha à de muitos outros pioneiros que apostaram e acreditaram no sonho de Juscelino. A bordo de um caminhão, o estudante de Anápolis seguiu firme por entre o cerrado na esperança de construir, por meio do trabalho, uma vida melhor. Sentado na carroceria, sobre uma meia dúzia de móveis, ele não escondia a satisfação pela mudança. Para trás, o jovem deixava algumas lembranças ruins como a do abandono do pai, que saiu de casa em Anápolis quando Antônio tinha apenas dez anos de idade. Disciplinado, o primogênito aprendeu cedo os afazeres de casa e já era responsável pelos irmãos quando a mãe resolveu sair de casa para buscar na região onde seria construída a nova capital o sustento da família. Dona Maria Elizia já se virava por essas bandas desde 1956, na época em que os limites de Brasília estavam sendo demarcados.

Jovem e destemido, Antônio tinha apenas 20 anos quando chegou aqui em uma tarde chuvosa do dia 5 de fevereiro de 1958. "Veja como eram as coisas naquele tempo. Uma viagem que hoje se faz em menos de um dia, gastamos dois dias inteiros. Lembrou-me que saímos no dia 3 de fevereiro e chegamos no dia

Arquivo pessoal



O CASAL ANTÔNIO E MARIA DO CARMO COM O FILHO, FAUSY, DE UM ANO, EM 1963

cinco." Os olhos do pioneiro não esconderam a curiosidade, quando avistaram, por entre a lona molhada que cobria a carroceria, a chuva torrencial que caía sobre a vegetação rasteira do local. A mãe, que havia ido a Anápolis só para buscar os filhos, já dava duro por aqui na fabricação dos páes. Debaxo de uma lona improvisada na Terceira Avenida da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), ela colo-

cava a mão na massa e dali tirava o sustento dos filhos. "A padaria era pequena porque naquela época tudo funcionava de modo artesanal e com muita dificuldade", lembra. Depois de amassados, ele conta que os páes eram expostos ao ar livre antes de ir ao forno.

O primeiro emprego

Sem perder tempo, assim que chegou, o estudante foi matri-

culado no Colégio Brasília, depois chamado Colégio La Salle, que ficava na Avenida Central da Cidade Livre. Mas o pioneiro só sossegou mesmo depois de conseguir um posto na cidade. O que não foi difícil. O Centro de Abastecimento de Brasília, empresa atacadista de gêneros alimentícios que fornecia mantimentos para o governo, foi seu primeiro trabalho na capital. "Aqui os empregos praticamente batiam à sua porta, tamanha era a oferta de trabalho", afirma. A alegria de conseguir o primeiro emprego em Brasília compensou todos os sacrifícios. Ele conta que, quando chegou, a família se revezava para dormir. "Só havia duas camas e uma ou duas pessoas tinham que dormir na rede. A gente quase morreu de frio naquela época." A primeira residência de Antônio foi lá mesmo na Cidade Livre (na Quarta Avenida). Era apenas um cômodo e nele a família se acomodava como podia. Aos poucos a vida de Antônio, assim como a dos irmãos, foi melhorando. Pouco tempo depois, a irmã conseguiu um lote com a administração do Núcleo Bandeirante, onde puderam erguer uma casa melhor na Quarta Avenida. "Nessa altura, todos nós já tínhamos conseguido trabalho". A garra e a coragem estão mesmo no sangue da família. A irmã de Antônio começou a trabalhar numa loja de atoupeças quando tinha apenas 11 anos de idade.

A vontade de crescer profissionalmente levou Antônio, sete meses depois de sua chegada, a deixar o Centro de Abastecimento de Brasília e entrar para o banco. "Naquele tempo, o trabalho de um jovem de 20 anos era comparado ao de um de 16 hoje, e os funcionários dos bancos começavam na faixa dos 20 anos. O Banco do Estado de Goiás foi o primeiro banco onde trabalhei em Brasília e onde eu tive grandes oportunidades", comemora. De contínuo, cargo que o encarregava de fazer a entrega de documentos em outros bancos, ele passou a auxiliar de escritório, depois a escriturário e mais tarde foi nomeado procurador do banco, cargo em que ele respondia por todos os serviços de contabilidade da agência. "Depois, eu passei a subgerente do banco, chegando até a substituir o gerente nas suas ausências", explica. Sem medo de trabalho e disposto a vencer na vida, o pioneiro logo de início mostrou serviço e provou a que veio.

A promoção no trabalho entusiasinou Antônio e trouxe grandes mudanças a sua vida. No ano da inauguração de Brasília, o pioneiro passou a integrar o grupo dos casados quando tinha apenas 23 anos. A noiva (prima), ele conheceu quando era criança. Depois de anos longe um do outro e já homem feito, Antônio se apaixonou por Maria do Carmo e

PIONEIROS

As oportunidades profissionais que a nova capital proporcionava enchem de orgulho o pioneiro, que, de contínuo do Banco do Estado de Goiás, chegou a professor-adjunto em uma universidade



**ANTÔNIO COM A FAMÍLIA:
UMA TRAJETÓRIA DE
DESENVOLVIMENTO NA CIDADE**

em menos de um ano, de fevereiro de 1960 a janeiro de 1961, eles experimentaram o namoro, o noivado e o casamento, realizado em Anápolis.

Boas recordações

A mudança para a W3 Sul não apagou as boas recordações de quando morava na Cidade Livre e da época em que a mãe era cozinheira na churrascaria Presidente, na Avenida Central. "Juscelino e seus assessores almoçavam constantemente no restaurante e sempre que ele descia do helicóptero era uma festa. Os trabalhadores e o pessoal que transitava por lá na hora faziam um cerco em volta dele. Até minha mãe corria para ver o presidente de perto", lembra. "Na verdade, até hoje guardo boas lembranças da juventude e daquela cidade de quando cheguei. Era uma cidade diferente de tudo que já vi, com as construções em madeira. Isso realmente deixa um

“
**AQUI OS
EMPREGOS
PRATICAMENTE
BATIAM À SUA
PORTA, TAMANHA
ERA A OFERTA DE
TRABALHO**”

certo saudosismo”, completa emocionado.

A cidade crescia a olhos vistos. A mata que testemunhou a chegada do pioneiro deu lugar “aos postes de iluminação, leitos de estradas de ferro e às cabanas dos pioneiros”, como descreviam os poetas que participaram da grande epopéia. O

Núcleo Bandeirante foi uma das regiões que mais sofreram mudanças, durante a consolidação da W3. Por determinação do governo, em 31 de julho de 1961 todas as agências bancárias do Núcleo Bandeirante foram obrigadas a se instalar no centro comercial de Brasília. “No início da construção da nova capital todos os bancos se concentravam no Núcleo Bandeirante. Eram sete, e todos tiveram de se mudar para o Plano Piloto.” As agências passaram a ter um novo endereço, na quadra 507 Sul e nas entreguadas da 108 e 109. Nessa época, o pioneiro fazia o curso de Contabilidade no colégio Elefante Branco com vistas a uma carreira de sucesso como contabilista.

Em 1965, Antônio saiu do banco e foi trabalhar como contador na representação do Governo do Estado de Goiás, onde ficou até 1966, quando passou no concurso para um outro banco da região. “Lá, eu trabalhei

como escriturário (nível médio), sendo equiparado mais tarde ao cargo de nível superior.” Inconformado com a decisão da diretoria do banco, que decidiu reduzir o salário dos funcionários, Antônio resolveu mudar de ramo e passou a ser sócio e diretor-administrativo do Supermercado Planalto, onde ficou um ano. “Depois eu fui contratado como professor-colaborador da Fundação Universidade Federal do Piauí e mais tarde colocado à disposição do MEC.” Aposentado pelo Ministério da Educação como professor-adjunto 4, Antônio hoje olha para trás orgulhoso de sua trajetória sem esquecer que nada disso seria possível não fossem a mudança e as oportunidades de trabalho que a cidade lhe ofereceu. “Dediquei 60% de minha vida a essa cidade, e apesar de gostar muito de Natal (cidade onde residiu durante dois anos), não troco Brasília por nenhuma outra”, afirma.

Raio X

Nome: Antônio Dias Neto
Idade: 67 anos
Origem: Tocantínia, Tocantins
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Contador e administrador (formado pela AEUDF)
Esposa: Maria do Carmo Solino Dias
Filhos: Fausy e Salma Netos: Camila, Dalay, Ady e Atman
Outros cargos importantes em Brasília: Diretor de administração geral da Secretaria de Cultura do Governo do Distrito Federal; gerente administrativo do Conselho Regional de Administração do Distrito Federal; assessor do subsecretário de Apoio Administrativo no Ministério da Saúde e diretor administrativo e financeiro da Secretaria de Ação Social do Governo do Distrito Federal.

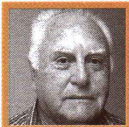


Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira (rozaneoliveira@tecnolink.com.br) Reportagem Bianca Chivaticci, Sela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

PIONEIROS



Hamilton Pereira

Legalização das terras da nova capital

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

O primeiro passo para se construir uma cidade geralmente é a desapropriação das terras onde ela deve ser erguida. Com Brasília, não poderia ter sido diferente e é exatamente aí que começa a participação do pioneiro Hamilton Pereira na história da cidade. Atuante da Comissão de Desapropriação para as Terras do DF, Hamilton participou de mais de 90% desse tipo de processo na nova capital. "Sempre ouvia falar da construção de Brasília pela imprensa de Luziânia. Quando recebi o convite para fazer parte da comissão, por volta de 1955, aceitei sem nem pedir tempo para pensar", afirma Hamilton.

Apesar de na época morar em Luziânia, o pioneiro vinha para Brasília quase que diariamente, tendo se mudado para a nova capital apenas em 1963. "A estrada era muito precária, de barro mesmo. Na temporada de chuva, os carros atolavam na areia e os caminhões com material para a construção tinham que ser rebocados por máquinas mais pesadas", afirma o pioneiro, acrescentando que o percurso de Brasília a Luziânia levava cerca de três horas para ser cumprido.

Se desapropriação de terras não é um processo fácil normalmente, imagine em uma região

Arquivo pessoal



como Brasília, onde nem sempre se tinha registro dos donos daquele cerrado com o qual pouca gente se preocupava até então. "Em alguns casos, eu tinha o registro de quem comprou as terras, em 1800, mas não sabia de quem eram em 1955. Aí tínhamos que procurar os herdeiros e ver com quem estava", lembra Hamilton, que

muitas vezes deu como certo os herdeiros naturais serem os donos das terras por não ter conseguido encontrar material mais exato. "Uma certa vez uma vaca invadiu o cartório de Luziânia e mascou os autos do registrante de uma fazenda. O jeito foi considerar aqueles herdeiros da documentação que sobrou como os verdadeiros proprietários",

HAMILTON COM AMIGOS NO CRUZEIRO, LOCAL DA PRIMEIRA MISSA DA NOVA CAPITAL

lembra o pioneiro, divertindo-se com a história.

Cidade Livre

Com as constantes vindas para Brasília, Hamilton pôde observar desde o início a criação da Cidade Livre — "um local livre de tudo, de todos os tipos de impostos", como define o pioneiro. "Já naquela época, havia os famosos barracos de madeira da Cidade Livre, tipo de radiária que perpetuou durante toda a epopéia da construção de Brasília", diz o advogado. Mas o ano de 1955 não marcou a primeira vez que Hamilton visitou o cerrado que se tornaria a capital do país. Já em 1951, anos antes de Juscelino Kubitschek pensar em fundar Brasília, o advogado criminalista Hamilton Pereira passava pela área que se tornaria o Distrito Federal para ir de Luziânia a Formosa. "A estrada era péssima, um mató só. Várias vezes tive que tirar emas do meu caminho ou esperar que elas atravessassem a rua", lembra. Só a família de Hamilton que não apoiava muito a decisão de ele apostar no meio do nada, como era Brasília. "Meu irmão veio do interior mineiro me visitar em Luziânia e já achou a cidade pequena demais para mim. Quando ele veio a Brasília, não teve dúvidas, ligou para o meu pai, que dizia que eu só podia estar louco", di-

verte-se o pioneiro, lembrando que estava pensando apenas nas possibilidades de crescimento que poderia oferecer uma capital federal.

"Que pacata, que nada." A Cidade Livre de 1955 e da memória de Hamilton Pereira não é uma cidade tão segura como muitos pensam. "Não sei se era por eu ser um dos únicos advogados criminalistas da região, mas o fato é que era chamado em quase todos os crimes da região", afirma Hamilton, garantindo que não eram poucos os delitos cometidos em Brasília naquela época. O primeiro assassinato da cidade, por exemplo, não está nem um pouco apagado da memória de Hamilton, que sabe tudo como se tivesse acontecido ontem e não há quase 50 anos. "Acabei sendo o advogado de defesa de um capixaba que matou um homem que insistia em ameaçar seu chefe", conta ele, ressaltando que o acusado fugiu e ninguém o encontrou mais.

Outro caso lembrado por Hamilton envolveu o bar Copacabana, um dos mais tradicionais pontos de encontro de bandidos do início de Brasília. Mais uma vez, Hamilton se viu como advogado de defesa de um acusado de assassinato, que dessa vez acabou sendo julgado — os julgamentos de delitos cometidos na Cidade Livre eram feitos em

PIONEIROS

Como advogado, em Luziânia, o pioneiro começou a trabalhar por Brasília muito antes da sua inauguração. Em 1955, foi um dos responsáveis pela desapropriação de terra no local

Arquivo pessoal



COM A ESPOSA, FILHOS E NETOS: UMA VIDA DE DEDICAÇÃO À NOVA CAPITAL

Luziânia — e o cliente de Hamilton acabou sendo absolvido. “O acusado ficava de vigília em frente a minha casa, em Luziânia, com medo de algum desafeto dele vir me matar”, lembra Hamilton, que em uma outra ocasião teve que se esconder da polícia na casa dos tios de sua esposa. “Meu irmão atropelou um homem em Brasília e fugiu. A polícia veio atrás de mim achando que eu sabia onde ele estava e eu tive que acabar escondido na casa de parentes”, conta Hamilton, garantindo que não sabia o paradeiro de seu irmão na ocasião.

A violência na Cidade Livre era tanta que a polícia começou a fazer uma campanha contra uma marca registrada de Brasília: a carona. “Muitos crimes começavam com uma inocente carona, como o caso de um homem que levava brinquedos para uma creche na noite de Natal, parou para dar carona e acabou sendo assassinado”, lembra o pioneiro. Mas, com a ação cada vez mais incisiva da recém-criada

polícia da GEB (Guarda Especial de Brasília), a situação foi melhorando. “As pessoas foram se envolvendo mais com o projeto e o sonho de construir a cidade e iam se ocupando com trabalho e tendo objetivos mais específicos. O número de crimes ia, assim, diminuindo”, afirma Hamilton, que nunca se assustou a ponto de pensar em não vir para cá um dia.

Esse dia só chegou mesmo em 1963, três anos depois da inauguração de Brasília, mas longe ainda de terminarem as obras da capital. “As obras da cidade demoraram a terminar. Quando efetivamente me mudei para cá, ainda faltavam algumas quadras na Asa Sul e praticamente toda a Asa Norte para ser construída no Plano Piloto”, lembra.

Cooperativa

No mesmo ano em que chegou aqui, com a esposa e dois filhos pequenos, Hamilton montou a Ermida, a primeira cooperativa de leite de Brasília. O empreen-

“**EM ALGUNS CASOS, EU TINHA O REGISTRO DE QUEM COMPROU AS TERRAS, EM 1800, MAS NÃO SABIA DE QUEM ERAM EM 1955. AÍ TÍNHAMOS QUE PROCURAR OS HERDEIROS E VER COM QUEM ESTAVA**”

dimento foi inaugurado com 10 mil litros de leite e, “de farra mesmo”, Hamilton e seus sócios mandaram um convite para o presidente Castello Branco. Para a surpresa geral, o presidente não só compareceu ao evento, como provou e aprovou o leite da cooperativa. “Ele tomou um gole e foi logo dizendo que tinha certeza que naquele leite não tinha água”, orgulha-se Hamilton, garantindo que ele tinha razão.

Com o passar do tempo, Hamilton passou a ser cada vez mais conhecido na cidade por sua seriedade e por cargos que ocupou, como o de secretário interino de Serviços Sociais do GDF durante uma viagem do titular, Jofre Parada, ao exterior. Hoje, Hamilton continua trabalhando como criminalista em Brasília, cidade que ele adotou e que em breve o adotará, pois está prevista para este mês a conferência do título de Cidadão Honorário de Brasília ao pioneiro. Homenagem mais do que merecida.

Raio X

Nome: Hamilton Pereira
Idade: 79 anos
Origem: Luziânia, Goiás
Ano que chegou a Brasília: A partir de 1955, vinha quase que diariamente a Brasília. Em 1963, mudou-se definitivamente.
Profissão: Advogado criminalista
Estado civil: Casado
Esposa: Maria Celeste Melo Pereira
Filhos: Bruno, Cyro, Márcia e Martha
Netos: Rodrigo, Gustavo, Mariana, Bruna, Renato, Victor e, em breve, Lucas (nasce daqui a dois meses)



Ítalo Nardelli

Como lacerdista, o
Brasília para visitar

A medicina que queria exercer estava em Brasília

Reprodução do livro *História de Brasília - Um sonho, uma esperança, uma realidade*



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Brasília seria o último destino escolhido pelo médico Ítalo Nardelli, 86 anos, para viver na década de 60. Simpatizante de Carlos Lacerda — principal opositor político ao projeto da mudança da capital federal para o Centro-Oeste —, Ítalo era contra a construção da cidade.

Formado desde 1942, em 1960, o médico já havia trabalhado em hospitais importantes da capital carioca, como Souza Aguiar e Getúlio Vargas. Também acumulava experiência de trabalhos feitos junto à Cruz Vermelha Brasileira e à Maternidade Escola. No ano de inauguração da nova capital federal, fazia parte do grupo de médicos do Hospital Miguel Couto e morava na Avenida Atlântica, endereço nobre do Rio de Janeiro. Mas não estava satisfeito com a profissão. “Sentia falta de exercer a verdadeira medicina e minha impressão era de que no Rio isto não acontecia”, afirma.

A oportunidade de conhecer Brasília surgiu em julho de 1960. A irmã, Alba Nardelli Pinto, cujo marido era deputado federal, já estava bem instalada na cidade, em um apartamento na 107 Sul. Não haveria dificuldades de acomodação.

A viagem de ônibus — Ítalo tem medo de avião — demorou 20 horas. No caminho, o médico já começava a olhar de maneira diferente o projeto do presiden-

te Juscelino Kubitschek. “Passei por cidades que nunca saberia da existência se não fosse a construção de Brasília”, justifica.

A chegada

Quando o ônibus passava pelo Catetinho, já dava para ver as luzes de Brasília. O espetáculo fez com que todos se levantassem dos assentos para ver a nova capital.

O motorista deixava os passageiros onde pedissem. As quadras eram conhecidas pelos nomes dos institutos responsáveis por sua construção. A quadra da irmã de Ítalo era conhecida como do IAPTEC. “Lembro-me que algumas quadras já estavam concluídas, como 107, 104, 208 e 205 Sul”, conta o médico. “Mas a pavimentação das ruas ainda não estava terminada, só as avenidas principais tinham asfalto, nas quadras era tudo terra”, descreve.

No dia seguinte a sua chegada, a primeira providência de Ítalo foi

conhecer o Hospital Distrital (Hospital de Base). O prédio possuía apenas o pavimento térreo e os departamentos fundamentais para o início do funcionamento do hospital. A distância entre Brasília e a Cidade Maravilhosa parecia pequena quando os moradores daqui encontravam por acaso antigos conhecidos andando pela cidade. Não foi diferente com Ítalo. No Distrital, terminou sabendo que um dos médicos com quem havia trabalhado no Rio — Polbivo Pedrosa — fazia parte da equipe médica da instituição.

A partir desta visita, Ítalo nem se lembrava mais dos sentimentos *lacerdistas*. Queria trabalhar na nova capital. “Durante os 20 dias em que estive aqui, tentei de todas as formas ser médico do Distrital”, revela. “Mas não consegui, voltei frustrado para o Rio”, conclui.

O chamado

Mas a idéia de mudar-se para o Planalto Central continuava fir-

me. Na Cidade Maravilhosa, Ítalo passou a contatar todos os conhecidos de influência que pudessem lhe ajudar. A esposa, Elza, achava loucura e não demonstrava o mínimo interesse em acompanhar o marido na empreitada. “Só fiquei mais calma, porque ele me dizia que seria apenas por dois anos”, conta.

Os dias passavam e nenhuma resposta positiva era dada ao médico, até que um amigo lhe informou que o secretário de Saúde do novo Distrito Federal, Bayard Lucas de Lima, estaria no Rio de Janeiro para o casamento de uma filha. “Ele me disse que eu já estava chato com a história de mudar para Brasília e, por isso, me apresentaria o secretário”, recorda.

O prometido foi feito e, na festa de casamento, Ítalo teve a garantia de que seria chamado para trabalhar na capital da República. A certeza e a vontade de vir fizeram com que, no dia seguinte, Nardelli informasse ao

EM VISITA À CIDADE, O MÉDICO FOI AO HOSPITAL DISTRIAL (HOSPITAL DE BASE) PARA CONHECER E DECIDIU MUDAR PARA BRASÍLIA

Hospital Miguel Couto que em breve deixaria a instituição.

O chamado não aconteceu tão rápido, entretanto. Passaram dois meses e nada. No dia de São Judas Tadeu, 28 de outubro, ao chegar em casa, o tão esperado telefonema finalmente foi recebido. O secretário de Saúde queria que Ítalo pegasse um avião imediatamente para ser nomeado no dia seguinte, em Brasília. “Disse a ele que não tinha jeito porque não viajava de avião, então ele disse que viesse de ônibus, de carro, de qualquer coisa, mas chegasse o mais rápido possível para assumir a função”, diverte-se.

A nomeação só aconteceu dois meses depois, mas, assim que chegou ao Planalto Central, Ítalo começou a trabalhar. No Distrital, as condições eram ótimas e não faltavam pacientes para serem atendidos. O material de trabalho era novo e abundante. “Se no Rio tínhamos duas chapas de raios X, aqui tínhamos dez ou quantas quiséssemos”, diz.

Mudança da família

Enquanto um apartamento não era disponibilizado para o médico, Nardelli permanecia em companhia da irmã. A família continuaria no Rio até que fosse possível instalar-se aqui. Até o final de 1961 foi assim. Neste período, a esposa o visitou durante as férias e não gostou da cidade. Mas Ítalo cada vez mais tinha vontade de ficar aqui.

“O clima de camaradagem

a, o pioneiro não cogitava trabalhar na nova capital, até que esteve em
 visitar uma irmã e se apaixonou pelo trabalho no Hospital Distrital

“

NO REGIME MILITAR, A ESPOSA DE UM DEPUTADO COM MANDATO CASSADO DEU À LUZ, E A CRIANÇA PRECISAVA SER LEVADA PARA A EMBAIXADA ONDE O RAPAZ ESTAVA EXILADO. EU MESMO FIZ O TRANSPORTE, E QUANDO CHEGUEI À PORTA DA EMBAIXADA, SÓ PUDE FINALIZAR O SERVIÇO PORQUE TAMBÉM TINHA FEITO O PARTO DO FILHO DO TENENTE QUE DEVERIA ME IMPEDIR ”

nas ruas era muito especial”, conta. “Bastávamos estar parados em alguma rua para que alguém nos perguntasse se queríamos ir para algum lugar”, completa. Numa destas situações, Ítalo terminou tendo que levar duas freiras até Taguatinga. “Ofereci carona e elas aceitaram, quando perguntei para onde iam, já era tarde”, conta. “Mas foi ótimo, nada aborrecia naquela época”, afirma.

O ritmo de trabalho era intenso, dia e noite, fins de semana e feriados. Como obstetra, Ítalo fazia inúmeros partos todos os dias. Mas os médicos eram muito bem remunerados. “Não me lembro quanto, mas recebi mais que o dobro do que ganhava no

Arquivo pessoal



Rio”, conta o médico.

Na raras horas de lazer, a diversão era ver as obras que iam sendo concluídas. “Tudo o que ficava pronto eu via, asfalto, iluminação, prédio, qualquer coisa”, diverte-se.

O apartamento cedido para a família do médico ficava na 208 Sul. Embora não gostasse da idéia, Elza não se opôs a mudar-se com os filhos para cá. “As crianças adoraram a liberdade e os que já eram jovens gostaram do companheirismo que havia entre todos aqui”, revela. “Além disso, sigo a máxima que diz onde Deus me plantou, aí devo florir”, completa Elza.

O número de partos feitos na cidade por Ítalo produziu situações interessantes vividas pelo médico aqui. “No regime militar, a esposa de um deputado com mandato cassado deu à luz, e a criança precisava ser levada para a embaixada onde o rapaz estava exilado”, recorda. “Eu mesmo fiz o transporte, e quando cheguei à porta da embaixada, só pude finalizar o serviço porque também tinha feito o parto do filho do tenente que deveria me impedir”, conclui.

Santa Helena

Em 1964, o primeiro hospital particular do Plano Piloto — o Santa Lúcia — foi inaugurado. O primeiro parto da instituição foi feito por Ítalo, que continuava no Distrital, mas, por falta de vagas, às vezes tinha que interinar os pacientes em outras unidades de saúde.

Depois de alguns anos de funcionamento do Santa Lúcia, Ítalo e um grupo de médicos decidiram montar uma casa de saúde particular menor. A primeira luta era conseguir um terreno para construir o prédio. A melhor opção era o final da Asa Norte, que na época ainda não tinha energia elétrica, asfalto, água e telefone. “Fomos nós que levamos tudo isso para lá, quando construímos o hospital”, garante o médico. O terreno foi comprado com uma série de empréstimos junto ao governo e à Caixa Econômica Federal e o material de trabalho foi adquirido em São Paulo.

A W3 Norte era formada por casas de madeira, onde vendiam-se frango assado, comida alemã, macarronada e diversos tipos de comida. “Um dos passeios de fim

de semana era comer nas casinhas da W3 Norte”, revela.

O Santa Helena, como foi batizada a casa de saúde, começou funcionando com 20 leitos, um centro cirúrgico, uma sala de parto e outros departamentos essenciais para o funcionamento de um hospital. A Unidade de Terapia Intensiva (UTI), por exemplo, ainda não existia. No início, a instituição trabalhava por meio de convênios com os órgãos que se interessassem. Mas o movimento intenso da casa começou a prejudicar o atendimento dos casos e a diretoria decidiu modificar a forma de trabalho.

Na década de 80, Ítalo retirou-se da diretoria do hospital. Em toda sua carreira como médico na cidade, nunca abandonou o Distrital. De JK, a quem passou a admirar, guarda duas lembranças. De uma vez em que foi ao hospital cumprimentar todos os funcionários, um a um. “Alguns vieram-se de costas e ele, mesmo assim, manteve-se calmo e continuou com os cumprimentos”, conta. E de outra oportunidade em que, num restaurante da cidade, foi chamado por ele para saber se tudo ia bem no Distrital.

ÍTALO E ELZA COM OS FILHOS EM MOMENTO DE MUITA ALEGRIA, AS BODAS DE OURO EM 1995

Raio X

Nome: Ítalo Nardelli
Idade: 86 anos
Profissão: Médico obstetra
Ano de chegada a Brasília: 1960
Origem: Mar de Espanha, Minas Gerais
Esposa: Elza Motta Nardelli
Filhos: Paulo, Eduardo, Luiz, Maria Elizabeth, Rita de Cássia, Maria Helena e Ítalo Nardelli Filho
Netos: Paulo Renato, Maurício, Leonardo, Flávio, Luiz, Rodrigo, Ana Paula, Flávia, Marcela, Luiz Eduardo, Cynthia, Marcelo, Fernando, Lucas, Fernanda, Nara, Rafaela, Bruna, Marina e Giovana
Bisnetos: Mariana, Gabriel, Letícia, Carolina, Artur, Mateus, Renata e Geovana

PIONEIROS



Ivone Bonifácio de Carvalho

Liberdade e progresso em meio às dificuldades

Reprodução do livro *Brasília, cidade que inventei - Relatório do Plano Piloto de Brasília*



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Bastou um chamado da irmã para que Ivone Bonifácio de Carvalho deixasse o Rio de Janeiro rumo a Brasília em 1959, tornando-se, assim, uma pioneira da capital federal que estava sendo construída. Na verdade, atender ao pedido da irmã, que estava se sentindo solitária no Planalto Central, foi mesmo uma desculpa para que a funcionária do Palácio do Catete, sede do governo federal no Rio de Janeiro, antecesse sua vinda para Brasília. “Eu ia acabar sendo transferida para cá mesmo e estava louca de vontade de morar em Brasília”, afirma a funcionária pública, que acabou sendo requisitada ao Catete pela Casa Civil.

Mais do que a realização de uma vontade dela e da irmã, vir para Brasília representava a liberdade e independência para Ivone. “Como sou de uma família mineira muito rígida, tradicionalista, penava em casa com meus pais. Não podia sair para me divertir. Por isso, sonhava com o apartamento quarto e sala onde minha irmã falava que iríamos morar”, lembra a pioneira, que nunca tinha morado sozinha.

Foi com esse espírito aventureiro e pré-disposta a enfrentar as dificuldades, que ela já sabia que viriam pela frente, que Ivone passou a morar em um apar-

tamento JK na 412 Sul. Mas, com tudo isso, a adaptação não foi das mais fáceis. “Chorava muito, sentia solidão e achava que Brasília não ia dar certo. Acreditava no sonho de Juscelino, mas no fundo achava ele um doido”, afirma. Ao sair do prédio, Ivone dava de cara com uma enorme vala, pois a cidade ainda era um canteiro de obras. “O jeito era se aventurar mesmo e atravessar aquela vala, correndo o risco até de se machucar”, diz a pioneira.

A saudade de casa era aliviada todo mês quando, a bordo de um avião da Força Aérea Brasileira, Ivone e outros pioneiros

iam passar o fim de semana no Rio de Janeiro, viajando sentados em *Diários Oficiais* e disputando espaço com jornais velhos. “Havia uma fila enorme de quem queria visitar os parentes no Rio de Janeiro. Esperávamos na maior alegria, menos quando um militar chegava e passava o nome dele na frente do nosso”, conta Ivone. Na volta para Brasília, a bagagem vinha mais pesada: “era difícil achar alguns produtos em Brasília. Então, trazíamos quilos e quilos de café e açúcar das marcas com as quais estávamos acostumados no Rio de Janeiro, além de caixas de

médios, sal de frutas e esparadrapo”, explica Ivone.

Além da dificuldade de encontrar as marcas preferidas, Ivone e os outros pioneiros tinham que aprender a conviver com a poeira. “Era impressionante ver os chamados lacerdinhãs, espécie de ciclones de poeira que se formavam nas quadras. Além disso, aprendi que não adiantava vestir roupas brancas porque elas logo estavam sujas de barro. Até a água de Brasília era vermelha”, lembra Ivone, que comprava água mineral ou, quando era possível, trazia do Rio de Janeiro.

QUANDO IVONE CHEGOU A BRASÍLIA, A CIDADE ERA UM VERDADEIRO CANTEIRO DE OBRAS

Uma das maneiras que os pioneiros da quadra 412 Sul encontraram para passar o tempo em suas folgas era jogando buraco ou bingo. “Fazíamos campeonatos de simples e de duplas para o buraco, e o bingo marcávamos as cartelas improvisadas com milho e feijão”, conta a pioneira. Além disso, a pé-de-valsa Ivone encontrava sempre tempo para dançar nos bailes do Brasília

PIONEIROS

A funcionária pública antecipou a transferência para Brasília para fazer companhia à irmã, que já morava na nova capital. Hoje, tem saudades da vida pacata e solidária da cidade no início

Arquivo Pessoal



IVONE (PRIMEIRA À ESQUERDA COM OS IRMÃOS: UMA VIDA DE REALIZAÇÃO EM BRASÍLIA

Palace Hotel — “eram festas animadas e sempre com muita gente interessante para nos divertirmos” — ou para comer pizza e ouvir música ao vivo com um show de piano na pizzaria Roma — “tinha que chegar cedo para conseguir lugar. Ia tanto lá que o pianista já conhecia as minhas músicas preferidas e as tocava assim que eu chegava”.

Entre as coisas positivas da mudança para cá, Ivone destaca a solidariedade e a confiança que havia entre os moradores. “Era engraçado ver como as pessoas que nem te conheciam paravam o carro e te davam carona sem problema nenhum”, diz. Além disso, a cidade juntava a importância de uma capital federal com o ar pitoresco de uma cidadezinha do interior, coisa que o Rio de Janeiro há tempos já havia deixado de

ser. “Sabíamos de tudo o que acontecia aqui. Desde uma rosa que nascia e a gente ia ver até a inauguração da iluminação de um prédio nas quadras residenciais, o que acabava se tornando uma pequena festa”, afirma uma saudosa Ivone, que ainda considera Brasília uma das melhores capitais brasileiras para se morar. “A vida aqui ainda é tranqüila se comparada à de outras capitais. Violência tem em todo lugar. Aqui a gente tem uma qualidade de vida bem maior”, justifica Ivone, que chegou a morar o ano de 2002 em Natal, no Rio Grande do Norte, mas sentiu falta de Brasília e voltou correndo para a cidade que a acolheu.

A família

Foi aqui também que Ivone fez sua vida. Conheceu e casou-se com Antonio Fernandes, teve seu filho Jean — “um brasileiro que, como todo jovem nascido aqui deveria fazer, adora e cuida de sua cidade” — e trabalhou ao lado de Ney Matogrosso no Hospital de Base. “Ele é um divertido e competen-

te ao mesmo tempo”, afirma ela, que naquela época já havia saído da Casa Civil por causa da ditadura. “O golpe explodiu um dia antes do meu aniversário. Os militares invadiram o gabinete do Jango, onde eu trabalhava, e tomaram o poder. Foram dias terríveis. A Esplanada dos Ministérios parecia um campo de batalha. Não se podia conversar em grupos maiores do que duas pessoas e as mulheres tinham medo de voltar para a casa sozinhas depois do expediente”, lembra Ivone, que passou a trabalhar com atendimento ao público nos postos de saúde e no Hospital de Base.

Com o desenvolvimento de Brasília, a oferta de terrenos nas cidades-satélites foi crescendo, apesar de nem a Asa Norte estar totalmente concluída. As cidades mais visadas e apontadas por muitos como fontes de bons investimentos eram Taguatinga e Sobradinho. Ouvindo conselhos de amigos e da própria irmã, Ivone acabou optando pela segunda, onde comprou um terreno que

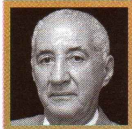
hoje deve valer muito. Mas Sobradinho era muito longe de onde as irmãs moravam e, para piorar, a estrada ainda era muito ruim, nem estava totalmente pronta. “Quando eu ia para o terreno, as pessoas perguntavam quando eu voltava e onde eu ia dormir durante a viagem”, diverte-se Ivone. Dessa forma, ela acabou vendendo o terreno antes mesmo de ver Sobradinho crescer e de ter o retorno que poderia ter tido com seu investimento. “Depois me arrependi, mas via aquela cidade lá longe e pensava: isso aqui não vai para frente nunca”, ri, bem humorada, a pioneira. Passados 44 anos da inauguração da capital federal, Ivone vê que sua previsão estava errada e agradece muito por isso. Para ela, Brasília representa ainda uma esperança para todo brasileiro que ainda acredita no país. “O céu, o pôr-do-sol e o horizonte de Brasília são a esperança de todo o Brasil. É único, isso. Não tem em nenhuma outra cidade do mundo”, afirma a pioneira, confessando-se uma apaixonada pela cidade.

“**ERA DIFÍCIL ACHAR ALGUNS PRODUTOS EM BRASÍLIA. ENTÃO, TRAZÍAMOS QUILOS E QUILOS DE CAFÉ E AÇÚCAR DAS MARCAS COM AS QUAIS ESTÁVAMOS ACOSTUMADOS NO RIO DE JANEIRO, ALÉM DE CAIXAS DE REMÉDIOS, SAL DE FRUTAS E ESPARADRAPO**”

Raio X

Nome: Ivone Bonifácio de Carvalho
Idade: 74 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1959
Estado civil: Viúva
Marido: Antonio Fernandes de Carvalho
Filho: Jean

PIONEIROS



Jair Augusto de Oliveira

Ele participou da criação da Caixa Econômica Federal

Arquivo pessoal



JAIR EM UM SEMINÁRIO DA CAIXA ECONÔMICA, OCORRIDO EM BRASÍLIA, EM 1962

STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Conhecer a nova capital era um sonho compartilhado por pioneiros que muitas vezes não mediam esforços para se embrenhar e arriscar as vidas no cerrado. Nem as condições precárias das poucas estradas impediam a vinda dos futuros operários. O mineiro Jair Augusto de Oliveira sentiu na pele o desafio e a aventura de se chegar, em meados de 1957, ao sítio onde seria construída a cidade. "A construção de Brasília atraía profissionais de todo o país, quando eu e mais dois companheiros, num Ford 46, saímos de Belo Horizonte com destino à nova capital com o intuito de sondar alguma oportunidade de trabalho", lembra o funcionário da extinta Mesbla. Para a tristeza dos companheiros, o sonho de conhecer a "cidade do futuro" acabou ficando pelo caminho. "Chegando às proximidades de Três Marias, ficamos atolados literalmente em um trecho da estrada, que ainda estava em construção. Depois de várias tentativas, não deu outra, o motor fundiu. Daf à desistência foi inevitável", conta Jair.

A inauguração de Brasília só fez aumentarem a curiosidade e o desejo de conhecer a cidade. Perseverante e determinado, o mineiro de Curvelo viu a nova oportunidade de retomar a viagem em dezembro de 1960, com

o convite do "simpático" cel. Jofre Lellis, então presidente da recém-criada Caixa Econômica de Brasília e assessor de Juscelino, feito em uma visita à Mobiliadora Inglesa, em Belo Horizonte, onde Jair trabalhava. "Eu fiquei

conhecendo o coronel naquele dia, por intermédio de amigos comuns. Ele então me convidou para assumir a Divisão de Administração de Imóveis, como Técnico de Economia Popular, cargo compatível com a minha

formação." Por coincidência, nessa época, o pioneiro estava cursando Administração (curso técnico) em BH.

Dividido entre a família — nessa época ele já era casado e pai de dois filhos pequenos — e o sonho de morar em Brasília, ele acabou desistindo de comparecer à assinatura do contrato. "Eu fiquei dividido porque minha caçula estava com apenas seis meses de idade", lembra. Pouco tempo depois, em janeiro de 1961, o telefonema da secretária do cel. Jofre dá um ultimato a Jair. "Ela me disse ao telefone que dos quatro indicados por Jofre, só eu não havia comparecido e que se eu não comparecesse nas próximas 48h o processo estaria cancelado." Não deu outra, no dia 6 de fevereiro, Jair Augusto de Oliveira tomava posse na Caixa Econômica de Brasília.

A viagem para a posse foi em grande estilo e bem diferente da primeira. Dessa vez, ele viajou num avião da Nacional Transportes Aéreos e ficou hospedado no luxuoso Brasília Palace Hotel. Uma noite antes de embarcar de volta à capital mineira, para buscar a família, o mais novo funcionário da CEF teve uma grande surpresa. "No caminho do hotel para a Churrascaria do Lago dei de frente com uma enorme cobra coral", conta. Com medo e fingindo não dar a mínima para o que estava vendo, ele seguiu para o restau-

rante. Apesar de moderna, mística e glamourosa, a cidade mostrava seu lado agreste.

A mudança para Brasília

De volta ao Planalto Central, Jair e sua família foram morar na 413 Sul, no bloco 11, mais conhecido como bloco dos casados. "A quadra foi uma das primeiras de Brasília a ser concluída. Nela, dois blocos foram destinados aos funcionários da Caixa. O restante era só construção", lembra. "A CEF fornecia tudo, do mobiliário e roupas de cama até os utensílios de cozinha. Só entrávamos com os mantimentos e uma taxa de ocupação que era quase simbólica", acrescenta o membro do Clube dos Pioneiros.

De carro, ele seguia todos os dias para a agência que, por incrível que pareça, funcionava no prédio do Ministério da Educação. "Na época em que a Caixa funcionava no Ministério da Educação, os funcionários do MEC ainda não haviam sido transferidos para Brasília." A agência ocupava o 4º e o 5º andares do prédio, acima da Prefeitura de Brasília, que ficava no 2º e 3º andares.

Organizado e digno de confiança, era Jair quem cadastrava e administrava todo o patrimônio da Caixa Econômica em Brasília. "A Caixa de São Paulo e a do Rio (que tinham agências aqui) financiavam a construção dos imóveis. Com o tempo, a CEF-Brasília incorporou

PIONEIROS

Depois de duas tentativas de vir para a cidade, o pioneiro recebeu um ultimato do presidente da Caixa Econômica de Brasília e mudou-se para a nova capital em 1961

COM A FAMÍLIA:
PREOCUPAÇÃO COM
O CRESCIMENTO DA
CIDADE QUE AJUDOU
A CONSTRUIR

“
... JK VIU QUE SÓ
ESTAVA PRONTO
UM TRECHO DA
RODOVIA
(BRASÍLIA-
ANÁPOLIS) E TEVE
DE ADIAR A DATA
DE ENTREGA DA
OBRA, MAS FOI
BEM CLARO COM
O PESSOAL. ELE
REUNIU OS
OPERÁRIOS E
ENGENHEIROS E
DEU UM NOVO
PRAZO A ELLES:
‘VOCÊS
TERMINAM SENÃO
EU VOU
PENDURAR VOCÊS
NAQUELE
PEQUIZEIRO ALI’

”



o patrimônio e passou a financiar os imóveis e as outras agências (do RJ e SP) foram extintas”, explica Jair.

Em 1970, o pioneiro foi convidado a trabalhar no Rio de Janeiro, na criação da empresa Caixa Econômica Federal, em substituição às autarquias nos estados. Além dos trabalhos de unificação da área de pessoal, Jair também participou da elaboração do primeiro concurso público nacional. Mas foram apenas dois anos morando na antiga capital. Saudoso, em meados de 1973, ele já estava de volta ao lar e respondendo por outro importante cargo, como assessor do diretor de Habitação e Hipoteca e posteriormente sendo designado chefe de gabinete, cargo em que se aposentou em 1978 e “para nunca mais sair de Brasília”, garante o pioneiro.

Participante assíduo das festas juninas da cidade, o mineiro conta com saudades de uma época marcada por muito en-

tusiasmo e trabalho. Foi durante a construção da rodovia Brasília-Anápolis. “Juscelino havia determinado a conclusão da rodovia para o mais rápido possível e numa de suas visitas à obra, JK viu que só estava pronto um trecho da rodovia e teve de adiar a data de entrega da obra, mas foi bem claro com o pessoal. Ele reuniu os operários e engenheiros e deu um novo prazo a eles: ‘vocês terminam senão eu vou pendurar vocês naquele pequizeiro ali’”, repete Jair as palavras do presidente. “No dia combinado ele foi até lá conferir se estava tudo pronto. E realmente estava, mas os operários haviam cortado a árvore com medo dele não gostar do serviço e resolver pendurar alguém. Juscelino era muito exigente e cumpridor da palavra”, lembra o pioneiro.

Observador e um estudioso do fenômeno da urbanização, Jair analisa como se deu o movimento migratório de trabalhadores que se dirigiram para

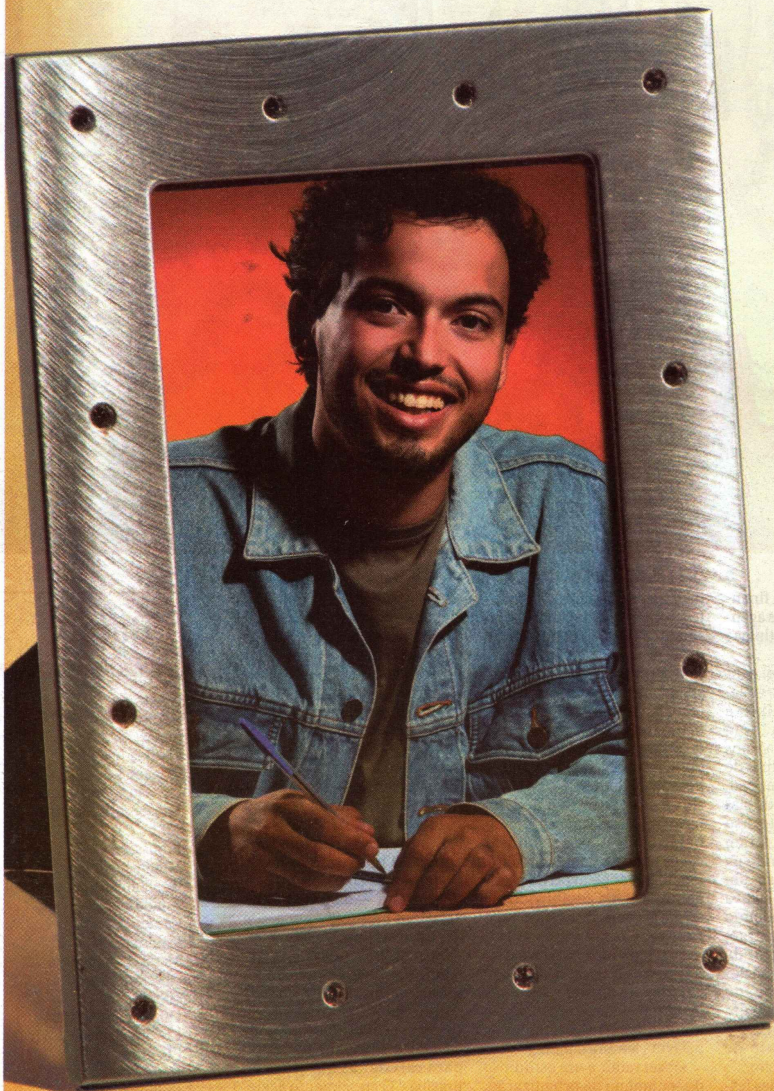
a construção da nova capital no início da década de 60. “De Minas vieram os técnicos e urbanistas, do Nordeste, os operários, e do Rio de Janeiro, os funcionários públicos. Não se encontravam aqui operários de Minas ou funcionários públicos do Nordeste”, observa o presidente-fundador da Cooperativa Nacional de Habitação Ltda.

Aos 72 anos de idade e com saúde de sobra, Jair é do tempo em que a luz de Brasília funcionava à base de geradores. Do tempo do cine Cultura e cine Brasília — os únicos que existiam naquela época — e das escassas linhas telefônicas, administradas pelo Departamento de Telefones Urbanos e Interurbanos (DTUI). Depois de anos de trabalho em prol da construção da cidade, ele ainda dedica uma parte do tempo para estudar as questões de Brasília. “O crescimento acelerado da capital está ultrapassando os limites e o projeto de antes”, ressalta.

Raio X

Nome: Jair Augusto de Oliveira
Idade: 72 anos
Origem: Curvelo, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1961
Profissão: Administrador (econômico aposentado)
Estado civil: Casado
Esposa: Maria Célia Augusto de Oliveira
Filhos: Luiz Fernando, Maria Cristina, Ana Lúcia e Luiz Cláudio
Netos: Guilherme, Vitor, Fernanda, Julia, Matheus e Anna Eliza

EMPREGO NÃO TÁ FÁCIL PARA NINGUÉM, MAS JOÃO ENCONTROU UM ATALHO.



João estava desempregado desde quando o restaurante onde trabalhava como garçom fechou as portas há quatro meses. O novo emprego só veio depois que ele procurou a **Agência Pública de Emprego e Cidadania – Apec**, órgão criado pelo GDF para apoiar o trabalhador com intermediação de mão-de-obra, habilitação ao seguro-desemprego, emissão de Carteira de Trabalho e Previdência Social, além de informações básicas sobre acesso ao microcrédito e à qualificação profissional. O DF já possui 15 Apecs. João se inscreveu na do Plano Piloto, na Galeria do Trabalhador, fez algumas entrevistas e, hoje, está trabalhando na cozinha de um hotel. Se você também está sem trabalho, siga o exemplo do João. Procure logo uma Apec.

AGÊNCIA PÚBLICA DE EMPREGO E CIDADANIA – APEC
A SERVIÇO DO TRABALHADOR.

